

JORNAL: Jornal do Brasil LOCAL: Quarabara

DATA: 18 / 05 / 1966 AUTOR: Harry Laus

TÍTULO: Argentina critica brasileiros

ASSUNTO: A senhora crítica argentina elogia Ivan.

ARTES  
HARRY LAUS

18.5.66 Jornal do Brasil

## ARGENTINA CRITICA BRASILEIROS

A revista *Primera Plana* que se edita em Buenos Aires e que tem por slogan como sendo "la revista de notícias de mayor circulación", traz no n.º 175, de 3 a 9 de maio, um comentário não assinado sobre a exposição de arte brasileira instalada no Museu de Arte Moderna da Capital portenha. O título da nota, com uma foto de nossa Comissária, Carmem Portinho, com Hugo Parpagnoli, Diretor do Museu, diz bem do sentido das palavras de crítica: "Plástica: El pálido desordem".

Inicia-se o artigo com um diálogo entre Carmem Portinho e uma desconhecida que teria sido assim:

— Mas minha senhora, há alguma razão para que todas as gravuras desta exposição sejam tão parecidas?

— Sim — teria respondido a Dr.ª Carmem — todas são de ex-alunos do atelier de gravura de nosso museu.

Intercaladas com este diálogo há expressões sobre a Comissária brasileira que nos repugna traduzir.

A seguir o articulista passa a descrever as atividades de Parpagnoli no Brasil, sentindo-se que, de certa forma todo o artigo é escrito contra o Diretor do MAM de Buenos Aires. Mas de vez em quando as sobras caem sobre os artistas brasileiros. Na referência aos contatos mantidos na Bahia, por exemplo, vem esta chamada, entre aspas, a respeito de Mário Cravo: "muy señor y muy bohemio". Outro comentário: "Darel Valença, a revelação para o assombrado crítico, também guardou suas prometidas criaturas, postergando sua intervenção na mostra". Para o comentarista, Abraham Palatnik é "empresário de serrarias e colador de madeiras".

A leviandade da crítica prossegue no segundo tópico intitulado "Una tímida Defensa":

"O sentido comum que havia manifestado, dias atrás, aquela senhora que foi por engano à inauguração da mostra, apenas a afastou da realidade: a maioria das gravuras expostas alardeavam um minucioso tecnicismo, um obsessivo domínio das formas. No entanto, observando-se com atitude propícia as peças dos gravadores, só é possível registrar alguma comoção diante das águas-tintas de Edith Behring, veterana professora no atelier carioca, herdeira notória de seu mestre o brilhante Friedlander; ou ante ao ainda tímido autodidata Roberto Magalhães e suas *Cartas a Fulano de Tal*". Por último, Ana Bela Geiger, outra da comitiva de *Netos de Friedlander* consegue roçar com suas águas-tintas uma promessa de individualidade. O escolheador das obras o reconhece: "A partir desta técnica, terão que abrir-se e encontrar-se caminhos".

"Espalhadas silenciosamente no andar inferior, as obras (estão a venda por 30 e até 950 dólares) dos vinte e um artistas restantes — do total de trinta e três — apenas conseguem mostrar que estão expostas: desfiados imitadores da *pop* (Rubens Gerchman, Antônio Dias, Valdemar Cordeiro), comportadas

aproximações de boa intenção, deixam, por contraste, um raio de esperanças para os demais. Curiosamente, uma anciã *naive* de 80 anos, que conheceu a pintura já septuagenária, põe um toque de magia pontilhista com seus pássaros, suas mariposas e suas flores, que, junto à engenhosa Lígia Clark, criadora de insuspeitáveis volumes, e as oníricas transformações de Ivã Serpa armam uma tímida defesa entre tanta desolação".

Sabemos, por informações, que a arte de vanguarda na Argentina está bem mais adiantada do que entre nós, com grupos de forte atuação. Talvez isto é que tenha levado o autor desse disparatado comentário a condenar o que chama de *pop* ou o trabalho de Magalhães. No entanto, é bom dizer que Antônio Dias e Roberto Magalhães foram vencedores na última Bienal de Paris que reuniu obras de artistas de 55 países.

### GRAVURA COMO VEDETA

Mais ponderada é a reportagem que apareceu no n.º 46, de 5 de maio, da revista semanal *Confirmado*, ilustrada com obras de Raimundo de Oliveira, Edite Behring, Newton Cavalcânti e Sérgio Camargo.

Depois de uma descrição da origem da exposição, seleção dos trabalhos e aspecto geral da mostra, escreve o anônimo comentarista:

"De maneira mais particular, a mostra evidencia a presença de dois níveis: um, de qualidade equivalente, indiscutivelmente o mais significativo do conjunto, o mais valioso sob todos os pontos-de-vista, ocupado pelos gravadores; e outro, da pintura, escultura e desenho, que pode comparar-se com uma acidentada orografia em que a altura de certos picos nada mais fazem do que ratificar os baixios." Destaca então as obras de Raimundo de Oliveira, Grauben e Paulo Pedro Leal, diz que Iberê não está à altura de exposições anteriores e prossegue: "Antônio Dias e Rubens Gerchman nada acrescentam à linha muito vista ultimamente dos Rauschenberg e Lichtenstein, e o espacialismo de Ione Saldanha não consegue, apesar do rigor de seus traçados, interessar bastante. Em compensação, Ivã Serpa, com seu expressionismo de substância dinâmica, alcança-se a realizações notáveis como *A Esquina de Cada Rua*; e as aquarelas de Roberto Magalhães atingem uma estranha significação, derivada do curioso traçado plástico de suas *Cartas a Fulano de Tal*. Na parte de pintura ainda é destacada a presença de José Maria.

Sobre escultura há referências elogiosas aos trabalhos de Sérgio Camargo, Lígia Clark e Maurício Salgueiro.

O artigo se encerra com um comentário superelogioso sobre os gravadores, afirmando: "a mais ampla liberdade, a maior riqueza de imaginação e invenção, estão resolvidas dentro de uma irrepreensível dignidade formal." E conclui: "Sem dúvida, a mostra do Museu de Arte Moderna de 1966 será recordada por suas gravuras; como a de 1957 fixou os nomes de Portinari, Di Cavalcânti, Tarsila e outros."